



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA E ARTES –
DLLARTES
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

WÉLIDA CRISTINA DE SOUZA MUNIZ ASSUNÇÃO

CLUBE DO LIVRO E LETRAMENTO LITERÁRIO: A EMPATIA NA
LEITURA DE OBRAS FICCIONAIS

Alagoinhas
2021

WÉLIDA CRISTINA DE SOUZA MUNIZ ASSUNÇÃO

**CLUBE DO LIVRO E LETRAMENTO LITERÁRIO: A EMPATIA NA
LEITURA DE OBRAS FICCIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Linguística, Literatura e Artes – *Campus II* – da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para o grau de licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Barreto Júnior.

Alagoinhas
2021

Sistema de Bibliotecas da UNEB
Biblioteca Carlos Drummond de Andrade – Campus II
Rosana Cristina de Souza Barretto
Bibliotecária – CRB 5/902

A451c Assunção, Wélida Cristina de Souza Muniz.

Clube do livro e letramento literário: a empatia na leitura de obras ficcionais./ Wélida Cristina de Souza Muniz Assunção – Alagoinhas, 2021.

27f.il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Linguística, Literatura e Artes. Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literatura.

Orientador: Prof.º Dr.º Manoel Barreto Junior.

1. Análise do discurso literário. 2. Criação (Literária, artística, etc).
3. Leitura – Estudo e ensino. 4. Clube do livro. I. Barreto Junior, Manoel. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Linguística, Literatura e Artes - Campus II. III. Título.

CDD 401.41

WÉLIDA CRISTINA DE SOUZA MUNIZ ASSUNÇÃO

**CLUBE DO LIVRO E LETRAMENTO LITERÁRIO:
A EMPATIA NA LEITURA DE OBRAS FICCIONAIS**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Graduando em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, Colegiado de Língua Inglesa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Alagoinhas – Bahia, 06 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Manoel Barreto Júnior – Orientador.
Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB).
Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Shirlei Tiara de Souza Moreira – Examinador(a).
Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Risonete Lima de Almeida – Examinador(a).
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

CLUBE DO LIVRO E LETRAMENTO LITERÁRIO: A EMPATIA NA LEITURA DE OBRAS FICCIONAIS

Wélida Cristina de Souza Muniz Assunção¹

RESUMO²: Este artigo propõe-se a apresentar os resultados de uma pesquisa prática de abordagem quali-quantitativa que busca compreender os efeitos que o compartilhamento da leitura de romances pode gerar na empatia dos leitores no que diz respeito a temáticas como a representação do racismo, da depressão e da violência doméstica. Para a realização da pesquisa foram identificadas as potencialidades das obras para a abordagem dos temas a serem tratados. Uma vez selecionadas, elas foram usadas nas discussões para expandir a temática, tendo como apoio outros tipos de textos tais quais memes, tirinhas e reportagens. Assim, visamos interpretar os dados coletados nos encontros, dando especial atenção à reação dos participantes durante as discussões. Foram três as reuniões do Clube do Livro, duas com alunos do primeiro semestre do curso de Inglês da UNEB *Campus II*, Alagoinhas, e uma com o Clube do Livro de Alagoinhas. Foram três as obras abordadas, cada uma delas tratando de uma problemática social; *O ódio que você semeia* (2017), de Angie Thomas fala de racismo, *É assim que acaba* (2016), de Colleen Hoover trata da violência contra a mulher, e *As mil partes do meu coração* (2018), de Colleen Hoover aborda a depressão na adolescência. Para a análise e interpretação dos dados usamos como apoio os estudos de Currie (1995); e Goldman (2009) embasando questões de imaginário; Djikic, Oatley e Moldoveanu (2013) e Oatley (2012) que tratam sobre empatia na leitura; e Cosson (2014) que aborda o clube do livro. Oferecendo textos de ficção e não-ficção, pretendeu-se, por meio do letramento literário, que o participante do clube do livro ampliasse a noção do texto ficcional, através de conexões intersubjetivas do que se vive na realidade, sobretudo, pela perspectiva da empatia.

Palavras-chave: Empatia. Imaginário. Clube do livro. Leituras de obras ficcionais.

ABSTRACT: This paper aims to present the results of a practical research with a qualitative and quantitative approach that seeks to understand the effects that sharing the reading of novels can generate in the empathy of readers with regard to themes such as the representation of racism, depression and domestic violence. In order to carry out the research, the potential of the works for addressing the issues to be addressed was identified. Once selected, they were used in discussions to expand the theme, supported by other types of texts such as memes, comics and reports. Thus, we aim to interpret the data collected at the meetings, paying special attention to the reaction of the participants during the discussions. There were three meetings of the reading club, two with students from the first semester of the English course at UNEB *Campus II*, Alagoinhas, and one with the Clube do Livro de Alagoinhas. There were three works covered, each one dealing with a social issue; *O ódio que você semeia* (2017), by Angie Thomas, talks about racism, *É assim que acaba* (2016), by Colleen Hoover, deals with violence against women, and *Mil partes do meu coração* (2018), by Colleen Hoover, addresses adolescent depression. For the analysis and interpretation of the data, we used the studies of Currie (1995) as support; and Goldman (2009) supporting the imaginary subjects; Djikic, Oatley and Moldoveanu (2013) and Oatley (2012) that deal with empathy in reading; and Cosson (2014) who addresses the book club theory. Offering fiction and non-fiction texts, it was intended, through literary literacy, that the participant of the book club would expand the notion of the fictional text through intersubjective connections of what is lived in reality, mainly from the empathy perspective.

Keywords: Empathy. Imaginary. Book club. Readings of fictional works.

¹ Graduanda em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia, especialista em Tradução do Inglês na Universidade Estácio de Sá, Bacharel em Turismo pela Universidade Federal Fluminense. welidamuniz@bol.com.br.

² Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa - UNEB n. 28843219.1.0000.0057.

O PASSADO É UM PRÓLOGO

Empatia, do grego *empathia*, sentir com. Mas que loucura isso de sentir o que o outro sente, não é? Imagina sentir a um ponto que você espelha o sentimento do outro? Olha, deve doer. Relia. Já ouviu falar? Isso é lá de Minas Gerais, na Bahia chamam de ginge. Aquele calafrio que a gente sente quando vê um machucado feio, ouve um rangido incômodo, a sensação é como se algo nos arranhasse por dentro. Relia ou ginge, fica a gosto do leitor, talvez seja esse o primeiro disparo de empatia física que a gente sente. Mas existe isso? Empatia física? Bem, não. O que existe somos nós sentindo coisas quando recebemos impulsos externos. Empatia não é sentimento, como tão bem nos traz Ekman (2013), é sentir com, como diziam os gregos, mas é um sentir mais específico.

Ao longo dos anos, muitos estudos como os de Currie (1995), Benedetto (2010), Nussbaum (1995) via Paradelo e Silvestre (2013), Rodrigues e Ribeiro (2011), Oliveira, Ronchi Filho e Bassani (2018) provaram que a literatura é um mecanismo útil para incitar o leitor a ver o outro e também a situações de natureza mais delicada com outros olhos. As demandas e o ritmo acelerado da vida contemporânea acabam por desenvolver um juízo de valor diferente em nós, seres humanos, que muitas vezes nos vemos tendo mais cuidado e afeto por animais e objetos do que por outras pessoas. A sociedade está praticamente coisificada. A empatia é, também, uma capacidade humana, mas ela precisa ser exercitada e desenvolvida por outros meios que não a experiência física. Pudemos ver nesses estudos que a leitura literária muitas vezes coloca o leitor em contato com situações e pontos de vista aos quais ele não teria fácil acesso no dia a dia. E esse contato, mesmo que imaginário, gera aproximação com temas tabu e ajuda as pessoas a olharem as situações por outro ângulo. Livros, com o advento da internet, estão ao alcance de um clique. E podemos usá-los como recurso para essa aproximação com o outro.

O letramento literário, que foi parte integrante da pesquisa realizada, é, segundo uma paráfrase que Silva (2015, p. 13) faz de Cosson (2014a), as “práticas e eventos sociais que envolvem a interação entre leitor e autor que contribui para a socialização através da leitura de textos literários” e a autora complementa “a partir do letramento literário compreendemos nossa condição humana, desenvolvemos nossa criatividade e despertamos a subjetividade”.

Assim, por meio do clube do livro e do letramento literário, buscamos compreender como a leitura de romances, através da representação de depressão, racismo e violência doméstica, gera empatia em leitores. Por meio da leitura das obras escolhidas, nossa intenção foi encorajar a interação entre leitor e obra e utilizar o livro como ferramenta para a tentativa

de humanizar o leitor, buscando estimular a criatividade e a subjetividade do que é ser humano. Para alcançar esse objetivo identificamos a potencialidade das obras para a abordagem dos temas a serem tratados, a saber: *As mil partes do meu coração*, de Colleen Hoover; *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas; por fim, *É assim que acaba*, também de Colleen Hoover.

Esses livros foram escolhidos por tratarem de temáticas muito próximas ao que vivemos e sobre as quais muitos têm opiniões fortes a respeito. Assim, pudemos usar as discussões para expandi-las contextualmente, tendo como apoio outros tipos de textos como reportagens, memes, postagens nas redes sociais e vídeos curtos. Enfim, interpretamos os dados coletados nos encontros, com atenção à reação dos participantes durante as discussões.

A partir da natureza quali-quantitativa desta pesquisa buscamos entender a interação entre a temática e os sujeitos pesquisados, pautando-nos nos pressupostos da pesquisa prática (ou pesquisa-ação), já que houve uma intervenção na realidade social na qual interagimos, o Clube do Livro, para coletar os dados e conduzir as discussões que serão analisadas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Assim posto, a intenção com esta pesquisa de campo foi levar aos participantes a possibilidade de ler e compartilhar leituras com outras pessoas. Oferecendo, assim, a oportunidade de discutir aquela inquietação que sentimos quando lemos algo que nos tocou, ou incomodou, profundamente; e sobre o que não temos com quem falar.

Noël Carrol (2001, p. 281) apud Medeiros (2016, p. 230) já dizia que “entender corretamente um texto envolve mobilizar as emoções que são requisitadas pelo texto”. Para compreendermos adequadamente precisamos desconfiar, gostar e odiar os personagens de acordo com a intenção do autor. Por essa razão, transitamos pelo imaginário secundário de Currie (1995), tentando descobrir se as leituras dos livros propostos despertaram algum sentimento de empatia nos leitores no que diz respeito à temática abordada nos livros.

É preciso ter em mente que não é só o saber ler que faz de alguém leitor, o leitor se forma quando ele consegue levar aquela leitura para além das páginas do livro, quando faz sua leitura de mundo. Isso sem mencionar todas as vantagens que a leitura traz consigo como a melhora da gramática, a capacidade de síntese, a melhor interpretação de textos, e o mais importante, poder, mesmo que por algumas páginas, se colocar no lugar do personagem e começar a ver as coisas de um ângulo diferente (BRITTO, 2011 APUD BORTOLIN; SANTOS, 2014). Faz-se necessário, então, entender o que é leitura ou o que se tem entendido por leitura, além de compreender a empatia, podendo esta ser um dos impactos do ato de ler.

LER É SENTIR

Livros são dispositivos mágicos. Como já dizia Carl Sagan, é um amontoado de rabiscos que nos contam histórias e nos fazem viajar. São um amontado de rabiscos de experiências, fictícias ou não, mas experiências mesmo assim. Temos apenas uma vida e um rol bastante limitado de experiências. Vamos aprendendo à medida que vivemos, mas não podemos vivenciar tudo, nem ter contato com todo o tipo de pessoa. E é aí que a literatura pode desempenhar o seu papel: fazer com que tenhamos acesso a diferentes experiências, que conheçamos lugares e pessoas diferentes, que compartilhemos de outro ponto de vista e, o principal, um ponto de vista que não é o nosso. Ler é uma zona de conforto que leva o leitor para fora da zona de conforto.

Currie (1995) nos fala sobre as possibilidades de aprendizado que a leitura de ficção nos proporciona. Esse aprendizado não se limita a fatores históricos e culturais, ele também envolve a instrução moral, aprendizado para o qual, o autor diz, a ficção é bastante útil. A imaginação é uma forma de explorar valores e, por isso, a ficção pode ajudar na melhora dessa capacidade. Quando lemos, quando mergulhamos na narrativa, no ponto de vista do personagem, compartilhamos, temporariamente, os desejos e a crença que imaginamos que aquele personagem esteja tendo. Esse compartilhamento gerará algum impacto na forma com que pensamos e pode fazer com que reavaliemos nossas próprias crenças e desejos, pois ele pode nos levar a ter empatia.

E se disséssemos que nem sempre a empatia é boa? Ora, a empatia é sempre boa! Será mesmo? Paul Bloom (2016) parece discordar. O sentir com dos gregos vem muito atrelado à ideia que temos da empatia, sentir o que o outro sente, como nos traz Segal (2018), McLaren (2013) e Keen (2007). Empatia, diz Krznic (2015, p. 10) “é a arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreendendo seus sentimentos e perspectivas e usando essa compreensão para guiar as próprias ações”. Bloom (2016) diz que a empatia é um péssimo guia moral, e isso porque somos mais propensos a ter empatia por pessoas que sejam mais parecidas conosco. Precisamos nos identificar com o nosso objeto empático de alguma forma, se não houver essa identificação, a empatia falha. É por isso que quando vemos alguém de quem não gostamos se dando mal acabamos dizendo “eu acho é pouco”, “bem feito, mereceu”, “merece apanhar”, “olha só, se fazendo de coitado de novo”.

Acontece que os livros são lugares ideais para os experimentos morais, como afirma Currie (1995). Temos mais confiabilidade vivendo as experiências, só que pode ser perigoso aprender na prática, e a imaginação pode vir como uma alternativa ao risco da experiência. O *input* é menor, mas o custo também é. A ficção é um jogo de faz de conta que nos possibilita

exercitar as complexidades da imaginação. Quando a ficção é vívida ela pode nos fazer reavaliar nossos valores, e nos ajudaria a chegar a um meio-termo entre nossos valores e os valores dos personagens.

Lembra ali em cima quando dizemos em espelhar o sentimento do outro? Então, Goldman (2009) nos apresenta esses compartilhamentos na Teoria da Simulação, e eles podem se dar de duas formas. A primeira é o Espelhamento, automática e inconsciente, de baixo nível de simulação, a outra é a “simulação de alto nível”. Ela é consciente e envolve um esforço maior e mais complexo dos processos da mente. Pessoas que não têm o hábito de ler, normalmente, fazem leituras diferentes das de um leitor mais experiente. Elas focam mais no enredo, nos personagens, enquanto os leitores mais experientes focam nos sentimentos (FONG; MULLIN; MAR, 2013). Durante o processo de leitura, vamos navegando entre as duas formas de simulação, pelo qual o esforço consciente de simular a experiência vai se tornando algo mais automático.

C. S. Lewis (2019) divide os leitores em dois grupos os “literatos” e os “não literatos”. A diferença entre eles é o grau de atenção e reação que dispensam à obra. Quando um literato lê um livro pela primeira vez, ele tem uma vivência profunda com a história, esse leitor muda ao ponto de não ser mais o mesmo. Acontece que quando o não literato termina uma história “pouca coisa, ou absolutamente nada, parece ter ocorrido a eles” (LEWIS, 2019, p. 11). As pessoas podem ler apenas clássicos e serem um não literato, e ler apenas romances cor-de-rosa e serem literatos. O gênero não vai, necessariamente, influir no impacto que o livro tem no leitor, o que importa é a reação do leitor a ele.

Por este olhar, o estudo de Fong, Mullin e Mar (2013) analisou qual seria o papel dos diferentes gêneros de ficção na percepção da sensibilidade interpessoal. Foram analisadas as experiências de leituras de romances, ficção doméstica, ficção científica/fantasia e suspense. Os leitores de romances foram os que obtiveram maior resultado. Os estudiosos especularam que isso pode se dar principalmente por causa da aproximação que o leitor tem com a temática e a forma como ela é construída, já que é uma escrita orientada, basicamente, para relacionamentos sociais e que retrata relacionamentos complexos de forma realista. Esse tipo de representação é a mais provável de ser associada às emoções do leitor.

Ler recorrendo à simulação envolve muito do que Currie (1995) chamou de imaginário. O autor o dividiu em dois: imaginário primário e imaginário secundário. O imaginário primário é tudo aquilo que imaginamos quando o autor está descrevendo o cenário. É o que imaginamos sobre personagens e enredo. A casa ensolarada, a cerca branca, a igreja antiga. É o processo consciente que Goldman descreveu na Teoria da Simulação. Já o imaginário secundário tem a

ver com sentimentos. Ele trata de experiências. A casa ensolarada que traz alívio, a cerca branca que causa ansiedade, o medo ao percorrer a cripta de uma igreja antiga. O autor chama esse processo de reencenação empática da vivência do personagem.

Com efeito, uma obra de ficção, segundo Djikic, Oatley e Moldoveanu (2013), atende seu objetivo quando ela consegue envolver e garantir o interesse emocional, quando é capaz de estimular emoções no leitor. São simulações feitas para se passarem nos nossos cérebros, não em programas de computador. São criadas para incitar nossa imaginação sem o auxílio de ferramentas de alta-tecnologia. Ao se colocar no lugar do personagem, o leitor começa o processo de identificação empática e passa a responder aos estímulos do autor. As emoções, objetivos e planos que o leitor tinha são substituídos, temporariamente, pelos do enredo, fazendo com que o leitor, ao se identificar com a história, vivencie as experiências dos personagens (OATLEY, 2012, p. 177-178).

Não vivemos a idade da razão, vivemos na idade da empatia, escreve Bloom (2016, posição 84-86) sobre a obra *The Age of Empathy* do biólogo Frans de Waal. Este autor nos traz que frequentemente recorrem à biologia para explicar os princípios egoístas da sociedade. É instinto, sobrevivência do mais forte. Estar em sintonia com o próximo, organizar atividades e cuidar dos necessitados não é exclusividade da nossa espécie. A empatia humana, nos traz Waal (2009, p. 7), tem o suporte de uma longa história evolutiva.

Já faz alguns séculos que a empatia vem interessando filósofos, psicólogos, psicanalistas e até mesmo economistas. “Como não temos experiência imediata do que outros homens sentem, somente podemos formar uma ideia da maneira como são afetados se imaginarmos o que nós mesmos sentiríamos numa situação semelhante”, cunhou Adam Smith (2015, p. 69) no século XVIII. E por isso Ekman (2003, p. 197) dividiu a empatia em três: cognitiva, emocional e compassiva. Na empatia cognitiva, reconhecemos o que o outro sente; na emocional, sentimos o que o outro sente; na compassiva queremos ajudar o outro a lidar com a situação em que se encontra e com suas emoções.

Para essa pesquisa, pesamos o que Bloom nos apresenta sobre o aspecto seletivo da empatia, só a sentimos por aquilo ou aqueles com que nos identificamos. Não tivemos a pretensão de pensar que sentiríamos ou levaríamos o leitor à dor do outro, como abrange a empatia emocional. Somos seres plurais que juntaram experiências diferentes ao longo da vida. Por mais que nos identifiquemos e sintamos o que pensamos ser a dor do outro, essa sensação nada mais é do que o que imaginamos ser a dor do outro. Por essa razão, seguimos a linha da compreensão e reconhecimento, e assim optamos por apoiar a pesquisa sobre os preceitos da empatia cognitiva.

É ASSIM QUE COMEÇA

O professor chega na primeira aula de literatura e lança a máxima, a pergunta das perguntas, aquela para a qual temos certeza de que sabemos a resposta: “O que é literatura?”. Ora, professor, literatura é ler! Certo. Mas ler o quê? Livros, ué. Mas qualquer tipo de livro? Clássicos. Só clássicos são livros? Não. Se eu ler um compêndio de geografia, eu sou menos leitor? As pessoas que leem romances de banca, literatura cor-de-rosa são menos leitoras? Você já parou para pensar que elas podem ser mais leitoras do que os que só leem clássicos?

Depois de muita discussão, eis que perguntam ao professor “o que é literatura para você?” Ao que ele responde “literatura é tudo”. Como assim literatura é tudo? Música não é literatura, bula não é literatura, letreiro de ônibus não é literatura. Devemos concordar que existem leituras e leituras, livros e livros, experiências e experiências. Se aquela placa de ônibus nos remeter a algo que transcenda àquele símbolo, por que ela não pode ser literatura? A música antes de ser música, é escrita, é sentimento, é arte que transborda em palavras e sons. E, como dizia Bauman (2020, p. 21) “tudo é tecido em discurso”, o que já amplia a noção de texto literário que temos hoje em dia.

Mazzeo e Bauman (2020, p. 17) nos trazem que “a natureza da literatura é em si ambivalente, metafórica e metonímica. Ela é capaz de expressar solidez e fluidez, assim como homogeneidade e pluralidade [...]”. As palavras podem ser tanto vazias quanto acolhedoras, o que as diferencia é o peso que damos a elas e o impacto que elas têm em nós. Podemos nos faltar com as mesmas palavras que nos matam de inanição. Com efeito, o caráter sólido e fluido da literatura é o que dá tanto poder às suas palavras, pois ela abre espaço para diversas interpretações. No entanto, a forma como alguém lê e interpreta tem muito a ver com suas experiências até o momento daquela leitura. E são essas experiências que nos afastarão ou aproximarão dos personagens. São delas que dependem a nossa empatia.

Por este olhar, a leitura de romances cor-de-rosa pode ser vista, por muitos “literatos” como inferior, assim como deram a entender alguns participantes da pesquisa. Leituras vazias esses livros de ficção feminina. Mas deixam passar qual é o mérito desses e de outros romances que, nas palavras de Maria (2009, posição 2371-2371) “é captar detalhes, injetando partículas de humanidade em cada ação/reação”. Como afirmaram os pesquisadores Fong, Mullin e Mar (2013), o que você lê importa. Se a leitura é um ato que pode gerar empatia, a literatura, por sua vez, abre espaços que possibilitam confluências ou divergências empáticas, como os conhecidos clubes do livro, dispositivo desta pesquisa.

RODANDO LIVROS E HISTÓRIAS

Clube do livro, roda de leitura, oficina de leitura são nomes diferentes para falar do que teóricos como Cosson (2014) e Yunes (1999) também chamam de círculo de leitura. A atividade segundo Cosson (2014, n.p.) “consiste basicamente na reunião de um grupo de pessoas, em encontros sucessivos, para discutir a leitura de uma obra literária ou não”. As reuniões, ainda segundo o autor, podem ser agrupadas em três categorias: estruturadas, semiestruturadas e abertas ou não estruturadas. Elas se diferenciam pela presença ou ausência de um condutor, e de seu grau de intervenção.

Como aspectos pontuais da prática do clube, é imprescindível que o livro tenha conteúdo para fomentar uma boa discussão. Não basta falar “gostei” ou “não gostei”. O livro precisa ter aquele aspecto que impacta positiva ou negativamente. Muitas vezes quando lemos algo de que não gostamos, somos capazes de escrever dissertações sobre porque não ler aquele livro. Quando é algo de que não gostamos muito, não sabemos nem por onde começar a falar do livro. As discussões e, conseqüentemente, os encontros precisam ser extensos. O ideal, segundo Morgan-Witts (2019), é que os encontros sejam de pelo menos cinquenta minutos. É importante também lembrar que o processo de escolha do livro precisa ser feito com antecedência, já que o participante precisa de tempo para adquirir os livros. Esse foi um dos pontos sensíveis do planejamento que abordaremos mais adiante.

Cosson (2014) explica que a atividade envolve três particularidades: o ato de ler, o compartilhamento (da leitura) e o registro (da reunião). A primeira é “o encontro inalienável do leitor com a obra”. A segunda é o encontro em si, as reuniões e discussões com os colegas. É nesse momento que o leitor se prepara para compartilhar suas impressões. E também quando devemos lembrar que o respeito pela opinião do outro é primordial nas reuniões, mesmo quando discordamos, devemos evitar tolher o outro com a nossa opinião. É empático. Uma pessoa que sente que está sendo calada, não falará. E o não falar está longe de ser um objetivo de um clube do livro. Para Yunes (1999, p. 21) apud Bohm e Marangoni (2011, p. 146), “[...] ler em círculo é não se deixar andar (falar) em círculos. É abrir-se para as leituras dos outros enquanto lhes facultamos as nossas”. Precisamos do ponto de vista do outro para expandir ou redirecionar o nosso. A terceira particularidade é o “momento em que os participantes refletem sobre como estão lendo e o funcionamento do grupo, assim como sobre a obra e a leitura compartilhada”. Os registros podem ser diversos e vão, segundo os autores, “desde diários de leituras até [...] atividades performáticas como peças teatrais, sarau, etc. [...] tendo em vista que a literatura

deve ser vista como uma experiência e não como um conteúdo a ser avaliado” (COSSON, 2014, p. 168-171 apud CARVALHO et al, 2018, p. 5). São as leituras de mundo trazidas e retiradas da obra.

No Clube do Livro de Alagoinhas notamos a presença desses aspectos. Antes de discutirmos o livro proposto para essa pesquisa, fizemos parte da discussão e compartilhamento de leituras em outros encontros. As discussões são abertas e naturais, não há um condutor. O leitor-participante se sente à vontade para falar sobre qualquer percepção que tenha tido da obra, seja uma avaliação de cenários e personagens, seja os sentimentos que ler aquilo incitou. Os encontros têm duração de pelo menos uma hora, expandindo-se até que o último leitor tenha dado a sua opinião. As reuniões são acolhedoras e as pessoas não são julgadas nem reprimidas em suas opiniões. Tentamos seguir o mesmo modelo com o Clube do Livro da UNEB, mas o modelo, como veremos adiante, não foi eficiente. A seguir, apresentamos uma breve descrição sobre as obras escolhidas.

O MUNDO NÃO TÃO COR-DE-ROSA DAS OBRAS ESCOLHIDAS

O primeiro livro a ser selecionado para a realização dessa pesquisa foi o *É assim que acaba* da Colleen Hoover. Após a leitura, manifestou-se uma sensação de entendimento que foi o motivador para saber se outros leitores teriam a mesma percepção. *É assim que acaba* nos conta a história de Lily e Ryle e de Atlas. O livro começa com o relacionamento abusivo dos pais da protagonista. Lily julgava muito a mãe por se submeter aos maus-tratos do pai. Por apanhar calada, por não buscar ajuda, por não ir embora.

Ao virar as páginas, vamos nos apaixonando por Ryle junto com Lily. Até que não nos apaixonamos mais. O personagem começa, aos poucos, a apresentar traços que são comuns a homens abusivos. Primeiro é a perseguição, que se torna uma paixão incontrolável e vira ciúme doentio. Então começam as agressões, que são perdoadas sucessivamente. O final do livro redime todo o sofrimento do leitor quando Lily diz para a filha recém-nascida: “É assim que acaba. Nós vamos colocar um ponto final nisso” (HOOVER, 2018, p. 200).

Entre o primeiro e o segundo livro escolhidos, vieram vários outros, mas o martelo foi batido para *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas. Violência policial é um assunto que está sempre em voga, e os assassinatos cometidos por policiais por causa de racismo sempre causam uma forte reação na população dos Estados Unidos. O livro foi inspirado no movimento *Black Lives Matter* e em Oscar Grant, um rapaz negro que foi assassinado por um policial na Califórnia em 2009.

Ele nos conta a história de Starr, uma menina de dezesseis anos que testemunha um policial assassinar seu amigo de infância Khalil ao confundir uma escova de cabelo com uma arma. O livro traz vários aspectos interessantes sobre a cultura negra dos Estados Unidos, *Black Jesus*, o Programa dos Dez Pontos do Partido dos Panteras Negras e ensinamentos que devem ser incutidos nas crianças desde muito novas e que são impactantes: “Mantenha as mãos à vista. Não faça movimentos repentinos. Só fale quando falarem com você” (THOMAS, 2017, p. 20).

Starr é a menina negra da escola de brancos. Ela esconde que foi ela que testemunhou o assassinato porque não quer ser julgada como a menina negra da periferia, não queria mudar a forma como a viam na escola. A protagonista vai amadurecendo ao longo da história e vamos acompanhando o processo de desconstrução e de identidades frente ao mundo. O julgamento e a absolvição do policial dão início a protestos violentos que muito lembram os protestos de 2020 pela morte de George Floyd. O livro traz uma mensagem importante que já vem praticamente estampada no título, um acrônimo de *thug life*, vida bandida, em português. *The Hate U Give Little Infants Fucks Everybody*, em português, “O ódio que você semeia para as criancinhas, fode com todo mundo”.

A terceira obra escolhida foi *As mil partes do meu coração*, de Colleen Hoover, que conta a história de Merit e sua enorme família disfuncional. O livro tem muitos personagens e vários assuntos são abordados. Temos religião, depressão, agorafobia, traição, homossexualidade, abuso, mentiras, segredos e perspectivas. Merit e sua família de ateus moram em uma igreja convertida em casa porque o pai detestava os latidos do cão do pastor. A protagonista colecionava troféus que não ganhou, como um prêmio para cada momento ruim que vivia.

Ao longo da história vamos acompanhando a negação de Merit com a depressão, seu péssimo convívio com a família, sua idealização de perfeição familiar; vemos a personagem se apaixonar, se frustrar, confessar segredos e fazer as pazes. Vemos muita aceitação também, de todas as partes. Compreendemos que segredos e mentiras para proteção podem ser mais danosos do que a mágoa causada pela verdade. É um livro que vai muito além do enredo confuso com diversos personagens, ele nos leva a refletir sobre nossos próprios ideais de perfeição.

Nas próximas seções, explicitamos as etapas metodológicas da pesquisa e apresentamos uma discussão dos resultados gerais, com base em dados demográficos e quantitativos, e dos resultados qualitativos a partir de cada obra.

AS MIL PARTES DAS LEITURAS

A pesquisa prática que usamos no nosso processo de investigação foi desenvolvida em três etapas. A primeira dividiu-se em duas partes: a escolha e leitura crítica das obras e a submissão do trabalho ao comitê de ética e posterior divulgação para conseguir voluntários. Anteriormente dissemos que os livros precisam ter conteúdo para renderem discussão, e esse aspecto também foi levado em consideração na hora da escolha dos títulos. A segunda foi a pesquisa de campo. Além dos três encontros que foram feitos com grupos diferentes, disparamos questionários para levantar informações sobre o comportamento empático dos participantes.

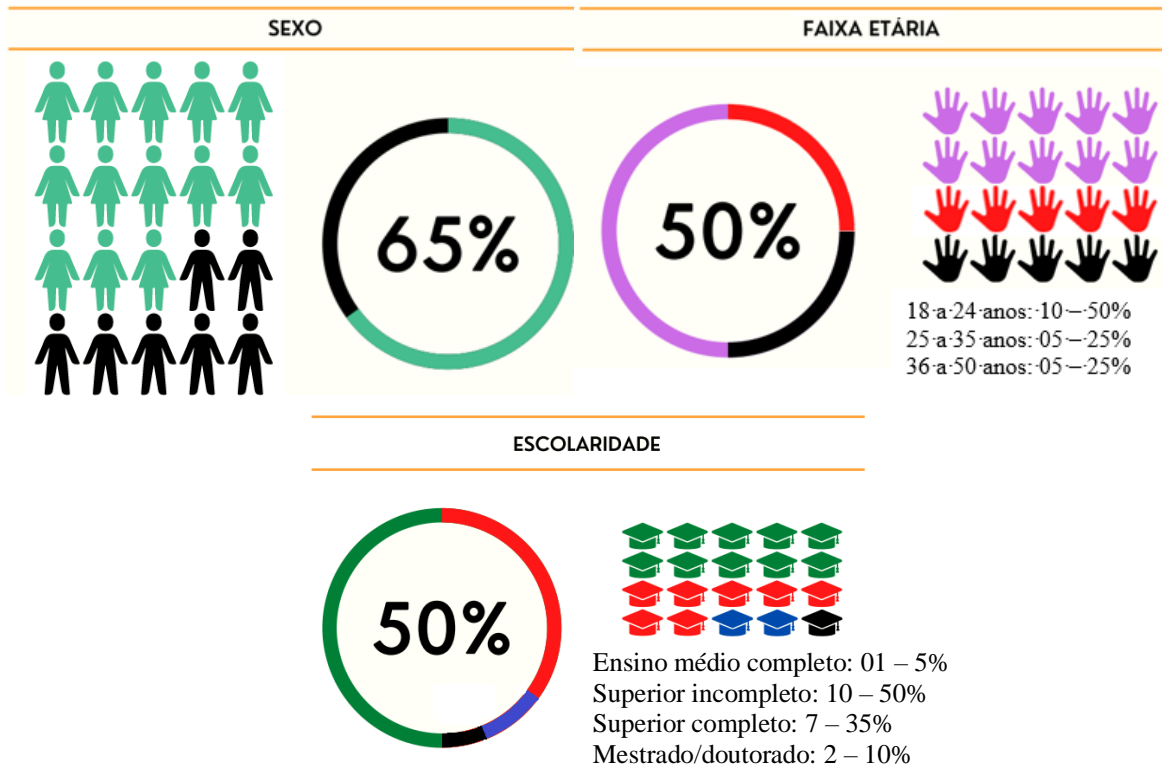
Os encontros foram realizados com três grupos diferentes. Como foi necessário rever o público-alvo por entraves com o comitê de ética, procuramos o Clube do Livro de Alagoinhas e propusemos uma parceria, eles optaram por discutir *As mil partes do meu coração*. Ainda faltavam dois livros, e procuramos voluntários na UNEB, onde montamos um clube do livro e dividimos os participantes de acordo com o livro que escolheram. O grupo 1 do Clube do Livro montado na UNEB optou por discutir *O ódio que você semeia*; e o grupo 2 por discutir *É assim que acaba*. A terceira etapa foi a análise dos dados.

Sob tal articulação metodológica, O Clube do Livro foi o dispositivo que decidimos usar para poder levantar os dados de forma mais humanizada, buscando entender a opinião do participante de maneira contextualizada. Acreditamos que quando a pessoa pode falar abertamente e quando está em um ambiente no qual se sinta à vontade, ela estará mais disposta a compartilhar pontos de vista e outras informações.

Por se tratar de uma pesquisa quali-quantitativa, traçamos o perfil dos participantes por meio de questionários estruturados nos quais buscamos levantar as opiniões que eles tinham sobre as temáticas antes das leituras e das discussões dos livros. Durante os encontros no Clube do Livro, fizemos o teste de empatia proposto por Johnson (2012), no qual foi causando um “acidente” derrubando objetos para ver quais dos participantes se prontificariam a ajudar a pegá-los, avaliando assim o comportamento pró-social do sujeito.

E, agora, vamos aos resultados. Apesar de termos tido um recorde de audiência no dia da reunião no Clube do Livro de Alagoinhas, apenas onze pessoas responderam ao questionário. Por se tratar de um encontro aberto ao público, não podíamos impedir que outras pessoas participassem, nem as obrigar a responder o questionário. Tivemos vinte respostas nos questionários fechados. Dos respondentes, 13 dos participantes (65%) eram do sexo feminino, e 7 (35%) do sexo masculino. A maioria dos participantes tinha de 18 a 25 anos e ensino superior incompleto (50%). Tais resultados podem ser visualizados na Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Dados sociodemográficos



Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa, como apontado acima, aplicamos questionários estruturados para poder medir a empatia dos participantes. Apesar de Bloom (2016) dizer que os questionários são pouco eficientes para tal avaliação, optamos por eles por ser um recurso mais acessível que as tomografias que os pesquisadores costumam usar — e que são uma opção muito interessante, pois quando exerce a empatia, o cérebro se acende por completo nessas imagens computadorizadas. Para os questionários, foi usada a Escala Likert, pela qual 5 é concordo totalmente e 1 é discordo totalmente. As respostas foram divididas de acordo com o sexo do participante para observar se a forma como as pessoas se identificam apresentou algum impacto.

Com base na adaptação dos questionários sobre empatia cognitiva e afetiva inspirados nos estudos de Spreng et al (2009); Jolliffe, Farrington (2006); Carré et al (2013); Falcone et al (2008), avaliamos que 61,7% das mulheres e 63,6% dos homens são naturalmente empáticos, conforme o exposto na Figura 2, a seguir. Consideramos apenas as respostas de “concordo totalmente” equivalente ao número 5, e as de “concordo parcialmente” equivalentes ao número 4.

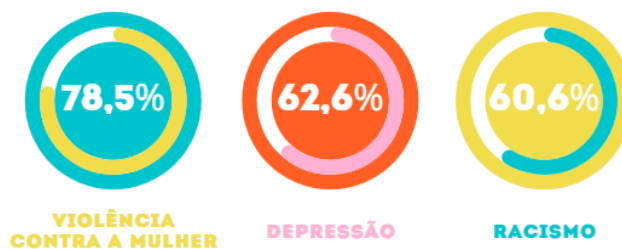
Figura 2 – Porcentagem de empatia cognitiva, afetiva e comportamental



Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa.

Para a elaborar o questionário que avaliou a empatia quanto às temáticas, utilizamos o buscador Google para o questionário de depressão, entrando com os termos “opiniões antipáticas sobre depressão”, “opiniões sobre depressão”, “opiniões antagônicas sobre depressão”. Para os outros questionários utilizamos a pesquisa do IPEA *Tolerância social à violência contra as mulheres de 2014*, para avaliarmos a empatia quanto à violência contra a mulher e a pesquisa da Fundação Perseu Abramo sobre *Discriminação Racial e Preconceito de cor no Brasil* (2003), para avaliarmos a empatia quanto ao racismo. Aqui consideramos apenas as respostas “concordo totalmente” ou “discordo totalmente” a depender do que a pergunta tratava. 78,5% dos participantes se mostraram empáticos quanto aos problemas de violência contra a mulher, 62,6% se mostraram empáticos quanto à depressão e 60,6% quanto ao racismo. Concluimos, assim, que a maioria dos participantes se mostrou naturalmente empáticos quanto às temáticas específicas. A resposta do teste de comportamento pró-social do sujeito também foi positiva, já que os participantes ajudaram a recolher os objetos.

Figura 3 – Porcentagem de empatia quanto às temáticas



Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa.

Contando histórias e sentimentos

Após o contato inicial com os participantes, estabelecemos a data dos encontros e demos um prazo longo para que os livros fossem lidos. Não eram livros extensos, mas precisávamos levar em conta que cada um tem um ritmo de leitura. Essa tática causou alguns problemas nos encontros com o Clube do Livro organizado na UNEB, pois alguns leram o livro logo que propusemos o projeto, mas houve uma demora significativa até podermos nos reunir para discutir a leitura. Essa foi a reclamação de alguns participantes. Eles queriam poder falar do livro logo que o leram. Queriam desabafar sobre a história. Outro problema também foi que quando chegou o dia da discussão, a lembrança do livro acabou ficando mais difusa, e o que estava mais forte era a sensação que a leitura acarretou. A seguir, apontamos aspectos da discussão de cada obra lida e compartilhada nos encontros do Clube do Livro.

Aspectos da discussão de *É assim que acaba*

É assim que acaba foi o livro que causou mais desconforto nos participantes. A impressão que o livro passa é de romantização do abuso. Como afirma Hoover (2018) nas notas do autor, o Ryle era encantador. Como os próprios participantes disseram, o personagem não era mau o tempo todo. Causou muito incômodo o fato de Lily perdôá-lo todas as vezes, de ela não pedir ajuda nem o denunciar. Duas participantes disseram que a vontade de largar o livro foi imensa, só continuaram por terem assumido o compromisso com a pesquisa. O que acontece com os livros é que se a leitura gera desconforto, podemos simplesmente largar de lado, como diz Keen (2007, posição 539-546). A angústia causada pela leitura faz o leitor abandonar o livro ou a recorrer à leitura dinâmica. Não há uma obrigação de continuar insistindo em algo que cause aflição. O que aconteceu com essa obra é que todos concordaram que o final fez o sofrimento da leitura valer a pena.

Durante o encontro tivemos relatos de postura que os participantes tinham diante de pessoas como Lily. A frustração que sentiam quando o familiar e/ou amigo voltava para o agressor. Ao vivenciarem o ponto de vista da vítima, os participantes relataram que conseguiram entender o que faz essas mulheres continuarem com seus agressores, e também como é sofrido o processo de separação e corte de laços. Portanto, com base na observação da reunião do clube do livro, pudemos concluir que o livro ajudou os participantes a sentirem empatia pela personagem. Eles também disseram que tinham começado a projetar essa

compreensão para a vida real quando se deparavam com notícias ou casos de violência doméstica.

Aspectos da discussão de *O ódio que você semeia*

A obra *O ódio que você semeia* representou um problema. É um livro que tem o filme, e pôde-se perceber que alguns participantes optaram por ele. Por mais que o livro e o filme contem a mesma história, por se tratar de uma adaptação, eles não são exatamente iguais. E há a liberdade criativa dos roteiristas para fazer com que um livro dê certo ao virar filme, e foram nesses aspectos que notamos que alguns se limitaram ao filme.

Os participantes foram surpreendidos positivamente pela história, eles esperavam que fosse um pouco repetitiva. Vários aspectos interessantes foram trazidos das leituras. Eles apontaram os elementos culturais como o Black Jesus e os Panteras Negras, também falaram sobre as manifestações violentas. Falaram da violência policial e do *code-switching* da protagonista: existia a Starr da escola e a Starr do gueto; e elas eram pessoas completamente diferentes.

O *code-switching* é um fenômeno linguístico que ocorre quando a pessoa alterna ou mistura dois ou mais idiomas ou dialetos. O termo foi cunhado por Einar Haugen em 1954 e versa sobre as mudanças comportamentais que o fenômeno implica: disfarçar fluência e memória da segunda língua, transitar entre a formalidade e a informalidade, exercer poder sobre o outro e se identificar entre um grupo com o qual se tem familiaridade (HARRIS, 2019, n.p.).

McCluney et al. (2019, n.p.) nos apresenta que recorrer a esse ajuste de comportamento é uma estratégia que vem sendo utilizada há muito tempo pelos negros para que eles consigam navegar em suas interações interraciais e que a atitude traz mudanças significativas no bem-estar, nas vantagens econômicas e até na sobrevivência. Por ser uma mudança linguística, ele impacta principalmente no discurso. A pessoa se adapta pela fala, aparência, comportamento e expressão, de forma a deixar os outros mais confortáveis com a sua presença. E é isso que Starr faz, como apontaram os participantes. Ela se adapta para se encaixar no mundo dos brancos.

Nesse encontro, os participantes falaram muito sobre violência policial e sobre os estereótipos que criamos quanto à aparência do bandido. Foi abordado também o medo que a personagem sentiu ao denunciar o crime. Starr demorou meses para conseguir depor, e escondeu de todos os amigos que foi testemunha de um crime. O livro criou consciência sobre as diferenças e semelhanças da vida dos negros no Brasil e nos Estados Unidos, principalmente nos aspectos das práticas sociais e modos de vida em sociedades contemporâneas.

Aspecto importante quando se faz refletir sobre a realidade factual, através do letramento literário, sobretudo, a partir de obras ficcionais que têm a capacidade de potencializar intensas conexões com o cotidiano factual, entre vivências, experiências e ações empáticas.

Aspectos da discussão de *As mil partes do meu coração*

Por se tratar de um grupo maior e com leitores mais experientes, a discussão de *As mil partes do meu coração* foi muito enriquecedora. No dia da reunião, tivemos uma audiência de cerca de trinta pessoas. Nem todas leram o livro, mas houve participação intensa, pois mesmo sem saber como foi a história da Merit, eles sabiam falar sobre o problema que a protagonista vivia.

No encontro, foram abordados muitos aspectos da história. A família louca e adoecida foi um deles, principalmente por ser difícil, no início do livro, localizar quem é quem. Alguns participantes acharam o livro muito arrastado até quase a metade, que é quando sentem que a história começa a fazer sentido. A Merit deixa de ser só uma adolescente chata. Os participantes falaram sobre ninguém reparar que a personagem tinha se retraído há anos, que não frequentava a escola, ninguém reparava na doença de ninguém ali. A família não conseguia terminar refeições, sempre havia briga.

Os troféus de Merit quando ela tinha um dia muito ruim eram uma compensação para um buraco a ser tapado. Querer uma compensação após um dia ruim, disse a participante, é comum do ser humano, cada indivíduo lida de um jeito com os problemas. Houve quem disse que alguns dias que vivemos são dignos de um troféu do Oscar. A dor, disse outro participante, existe e é tabu. É o sossego superficial de ignorar o problema. O que conversa com o que Bloom diz que há pessoas que só acreditam nos problemas da mente quando eles vêm representados em uma tomografia cerebral (BLOOM, 2016, posição 737-738).

Os participantes também apontaram a falta de diálogo e a superproteção dos pais com os filhos, o fato de eles pensarem que crianças e adolescentes não entendem problemas mais complexos. Como o que aconteceu com o pai de Merit ao esconder os problemas que a família enfrentava. Falaram também da criação de expectativas, a falta de perspectiva, de ver as coisas por outro ângulo, o escutar o outro. Muitas vezes percebemos a depressão em quem está distante, mas ignoramos em quem está perto de nós. Os estereótipos, disseram, contribuem muito para isso, já que temos a visão de que o depressivo é uma pessoa largada que já desistiu de viver.

Nesse encontro nós rimos, desabafamos, reclamamos, contamos experiências tanto da vida pessoal quanto da profissional, choramos. Falamos sobre depressão, de estarmos nos retirando do convívio social, o que, como nos trouxe Krznaric (2015, p. 18) é algo que está contribuindo para a queda mais acentuada da empatia desde os anos de 1980. Dada todas essas experiências, pôde-se notar que além de o livro gerar empatia cognitiva, ele também incitou a emocional e certa culpa também pela forma como a pessoa lidou com alguém que estava doente. Mas, como nos trouxe Hoover (2018, p. 117) “nem todo erro merece uma consequência. Às vezes a única coisa que ele merece é o perdão”.

A leitura que você semeia

Nos meses e semanas que precederam os encontros, enviamos diversos textos que conversavam de alguma forma com os livros. Foram tirinhas, tuítes, reportagens, clipes, dicas de filmes e séries, frases soltas e relatos. Incluindo, assim, o letramento literário. Infelizmente, não conseguimos uma discussão mais a fundo sobre esses textos. Quando se trata de uma pesquisa com voluntários, não podemos impor que cumpram certas atividades. Mas foi percebido que houve um olhar diferenciado quando se depararam com esses assuntos em interações futuras.

Em alguns encontros, notamos que os livros mexeram mais com os participantes. Os que trouxeram mais impacto foram *É assim que acaba* e *As mil partes do coração*. Talvez por serem livros que mexam mais com sentimentos e situações que somos mais próximos. A história de *O ódio que você semeia* é algo um pouco mais distante, não no que diz respeito ao *code-switching*, mas no dilema moral de depor ou não em um crime do qual você foi testemunha. Os participantes não se sentiram à vontade para falar sobre os dilemas da Starr, focaram mais na morte do Khalil.

Conforme discutido com os participantes, a compreensão empática em *É assim que acaba* só ocorreu quando a protagonista pôs fim ao relacionamento abusivo. Até esse ponto, ainda temiam que ela ficasse com o abusador. Quando tudo terminou, a história foi colocada sob perspectiva e então se começou a questionar o quanto julgávamos a vítima pelo próprio abuso, por vezes de forma mais severa do ao próprio abusador. Ao lermos algo vívido, somos motivados a rever nossos valores, nos diz Currie (1995). Isso acontece porque a ficção nos leva a suspeitar da retidão de tais valores e pode despertar um leve desejo de mudança.

É o imaginário secundário que nos faz ficar tão mexidos com a ficção. O imaginário primário é a forma como imaginamos o que é verdadeiro naquele enredo, ou o que foi feito de

fictício naquela história. É essa concepção que nos ajuda a criar o mundo na nossa mente. Pelo relato dos participantes, até certo momento na leitura dos livros, foi só o imaginário primário que se fez presente. Como nos traz Currie (1995, p. 256) eles não estão sempre juntos, é só ao criar o espelhamento com aquilo que está sendo imaginado que conseguimos reviver de forma empática a situação em que o personagem se encontra. Ao começar a entender o contexto e a ir além da descrição, abrimos espaço para a aproximação de outras formas de imaginar. As palavras começam a mexer mais com o processo de leitura. E de acordo com o que foi observado nas discussões, os participantes que leram a história conseguiram olhar o sofrimento do outro, fictício ou real, com um pouco mais de consideração.

É AQUI QUE ACABA: *AFTERMATH*

Por mais que tenhamos notado que a leitura dos livros incentivou a empatia, que tenhamos visto os imaginários primário e secundário em ação e as assimilações e espelhamento sendo feitas pelos participantes ao compartilharem suas experiências de leitura, a parte do letramento literário poderia ter sido mais bem pensada. Apesar das tentativas de corrigir o problema, o projeto foi concebido para que houvesse encontros semanais por pelo menos um mês. O planejamento foi otimista, e encontramos muitos entraves pela frente.

O primeiro entrave foi o público-alvo. O projeto foi concebido para ser trabalhado com adolescentes. Infelizmente, não conseguimos colaboração de escolas que aceitassem o projeto. “Ninguém vai vir” e “Você vai providenciar livros impressos? Eles só leem assim” foram algumas das reações que encontramos. Quando se trata de leitura, temos a tendência de pensar nos nossos próprios hábitos e acabamos nos projetando no comportamento do outro. Realmente, é difícil achar leitores dispostos, mas não queríamos muitos, cinco leitores em uma escola com centenas de alunos não é nada. Queríamos fazer a diferença na vida dos jovens em circunstâncias de risco, criar conscientização quanto a problemas que podem estar muito próximos da realidade deles.

O segundo entrave foi o Comitê de Ética, foram mais de seis meses para conseguirmos a autorização para a pesquisa. Esse tempo de espera nos custou muito, e perdemos o *timing* de leitura dos livros. Teria sido perfeito trabalhar com o livro *É assim que acaba* logo no início do ano, quando o índice de feminicídio alcança níveis alarmantes. Teria sido interessante e, sobretudo contextual, ter contato com o grupo que leu *O ódio que você semeia* quando George Floyd foi assassinado nos Estados Unidos. *As mil partes do meu coração* teria sido uma leitura intrigante na pandemia.

O terceiro entrave foi justamente a pandemia. Momento que nos fez perder o contato com os participantes e em que vivemos meses turbulentos nos quais o cotidiano parec(e)ia não fazer sentido. Neste sentido, os encontros do Clube do Livro de Alagoinhas sofreram um hiato até quase o final do ano. Mais de um ano se passou entre os encontros e o relato escrito. Assim como os participantes apontaram sobre o tempo entre a leitura do livro e o encontro para a discussão, o mesmo ocorreu quando começamos a escrever essa pesquisa. Por mais que tenhamos tido suportes como gravações, aquele aspecto intangível das observações das reações acabou se perdendo um pouco.

Negligenciamos certas particularidades quanto aos leitores, principalmente nas discussões dos livros na UNEB. A intenção era a de ser um observador passivo, só intervindo ao final e, quando fosse necessário, para não contaminar a visão do participante. Mas acontece que o leitor iniciante precisa ser levado pela mão e a reunião estruturada trazida por Cosson (2014) teria sido muito mais eficiente. Algumas discussões perdiam completamente o rumo e puxá-la de volta para os trilhos era um processo complicado. Temos que dar liberdade de expressão para o outro e saber até que ponto deixar o assunto correr é muito subjetivo. A interação com os grupos foi maravilhosa, mas, a nível de pesquisa, os resultados ficaram comprometidos e a análise tornou-se limitada.

Os clubes do livro são lugares ideais para nos tirar da zona de conforto. Acreditamos que nesse aspecto fomos bem-sucedidos. O Clube do Livro de Alagoinhas dificilmente selecionaria um livro de literatura cor-de-rosa para ser discutido, como pudemos notar nas opiniões de participantes mais antigos dizendo “não li, nem lerei”, “graças a Deus eu não li”, “pelo que ouvi aqui, eu ia odiar cada página”. Por mais que os outros participantes estejam no curso de Letras, as disciplinas de Literatura também não costumam recomendar a leitura desse tipo de romances.

Ainda que as leituras de literatura feminina sejam vistas com maus olhos por muitos, é válido lembrar que a iniciativa dessas rodas de leitura partiu de mulheres, e talvez seja por isso que elas são mais predominantes no meio leitor. McHugh (2021, n.p.) em reportagem para *The Washington Post* traz que por terem sido excluídas dos meios filosóficos e universitários, as mulheres dos séculos passados encontraram formas de se envolver com a literatura, se instruir e terem discussões mais aprofundadas. Hoje em dia, e naquela época, abordou McHugh, o papel proeminente das mulheres nesses clubes é consequência de sua marginalização de outros espaços intelectuais.

A semelhança que esses livros têm com a vida é algo que deve ser levado em conta quando o impulso é falar que eles em nada contribuem. Um mundo ficcional, diz Oakley (2012,

p. 172) precisa de correspondência com o mundo corriqueiro. O ato de imergir no mundo literário é uma oportunidade para termos acesso a outras perspectivas. A leitura nos oferece um ambiente livre de julgamentos no qual podemos torcer para a protagonista ficar com o seu algoz, que a adolescente chata cresça e pare de reclamar, que a menina negra se aceite como é. Não vamos ser “cancelados” ao lermos. Essa liberdade de obrigações, nos traz Keen (2007, posição 525-528), abre tanto canais de empatia quanto de efeitos morais como simpatia, ultraje, piedade, indignação e alegria compartilhada.

Não há dúvida de que os imaginários e espelhamentos estão a pleno vapor no processo de leitura, às vezes em menor ou maior grau. Mas precisamos nos atentar também que partimos de pressupostos por espelhamento: eu sou uma pessoa melhor porque eu leio, logo todo mundo que lê também é. Mas será que somos? Ou é só o que Bloom chama de empatia seletiva? Sentimos empatia por nos identificar com o outro e pensamos que aqueles com quem nos identificamos também se identificam conosco.

Os espaços em branco, dos quais Eco (2004, p. 37) fala, existem para serem preenchidos. O texto vive do sentido que dão a ele. É por isso que em literatura é possível sentir com, aquela empatia de se colocar no lugar do outro e entender o que ele sente. Os espaços em branco são preenchidos por nós quando espelhamos nossos sentimentos no protagonista. Em algum momento, o leitor passa a ser o personagem e o personagem é o leitor. São nesses espaços em branco que podemos projetar nossos sentimentos e o sentimento pelo outro. A leitura incita a empatia emocional no mundo da ficção, e é essa empatia que nos ajuda a ter a empatia cognitiva quando lidamos com o outro em situações reais.

Ler importa. Sejam livros, sejam tuítes, sejam *blogs* ou reportagens. Ler importa. Não podemos dizer que passamos por toda a nossa vida educacional e não lemos um livro, que não compartilhamos histórias, que não aprendemos nada com o que está fora da sala de aula. Precisamos ter um olhar diferenciado para as questões do cotidiano, precisamos imaginar, projetar emoções. Temos que preencher espaços em branco, ver o outro com olhos diferentes. Expandir horizontes, trazer vastidão para as nossas experiências. Ouvir.

Um dos participantes do Clube do Livro de Alagoinhas disse que a vida de quem gosta de ler é solitária, não se encontra muitas pessoas para falar de livros. Arranje uns amigos com quem falar dessas histórias, faça a sua própria roda de leitura para compartilhar suas inquietações, assim você também estará fomentando a leitura. Compartilhe nas redes sociais o que você anda lendo, dessa forma perceberá que há leitores ao seu redor e pessoas dispostas a ler contigo. Escolha um livro, leia a sinopse, leve-o ao nariz, cheire as folhas, abra a capa, passe a folha de rosto, os créditos, e inicie essa aventura lá no prólogo, que já foi passado.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Riccardo. **O elogio da literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

BENEDETTO, Maria Auxiliadora Craice de. Entre dois continentes: literatura e narrativas humanizando médicos e pacientes. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 311-319, 2010.

BOHM, Verônica; MARANGONI, Marli Cristina Tasca. Círculo de leitura: ressignificando experiências. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 143-157, 4 jan. 2011.

BLOOM, Paul. **Against Empathy**: the case for rational compassion. Nova Iorque: HarperCollins, 2016.

BORTOLIN, Sueli; SANTOS, Zineide Pereira dos. Clube de leitura na biblioteca escolar: manual de instruções. **Informação@profissões**, Londrina, v. 3, n. 1-2, p.147-172, 25 fev. 2014. Universidade Estadual de Londrina.

BRASIL. **Tolerância social à violência contra as mulheres**. Brasília: [S.I.], 2014.

Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf. Acesso em: 08 maio 2021.

CARRÉ, Arnaud et al. The Basic Empathy Scale in Adults (BES-A): Factor structure of a revised form. **Psychological Assessment**, [s.l.], v. 25, n. 3, p.679-691, 2013.

CARVALHO, Ana Cristina Teixeira de Brito et al. OS CÍRCULOS DE LEITURA DE RILDO COSSON: desenvolvendo o ensino de literatura e o protagonismo juvenil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018, Olinda. **Anais [...]**. Campina Grande: Editora Realize, 2018. p. 1-12.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Ferenczi e a experiência da Einfühlung. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.73-85, jan. 2004

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura**: Glossário Ceale. Disponível em:

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/circulo-de-leitura>. Acesso em: 6 maio 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

CURRIE, Gregory. The moral psychology of fiction. **Australasian Journal Of Philosophy**, [S.I.], v. 73, n. 2, p.250-259, jun. 1995. Informa UK Limited.

DJIKIC, Maja; OATLEY, Keith; MOLDOVEANU, Mihnea C. Reading other minds: effects of literature on empathy. **Scientific Study Of Literature**, Toronto, v. 3, n. 1, p.28-47, 2013. John Benjamins Publishing Company.

ECO, Humberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EKMAN, Paul. **Emotions revealed**: recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life. Nova Iorque: Times Books, 2003.

FALCONE, Eliane Mary de Oliveira et al. Inventário de Empatia (I.E.): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 321-334, dez. 2008.

FONG, Katrina; MULLIN, Justin B.; MAR, Raymond A. What you read matters: the role of fiction genre in predicting interpersonal sensitivity. **Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts**, York, v. 7, n. 4, p.370-376, nov. 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. 120 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008. 220 p.

GOLDMAN, Alvin I. Mirroring, simulating and mindreading. **Mind & Language**, New Jersey, v. 24, n. 2, p.235-252, abr. 2009. Wiley.

JOHNSON, Dan R. Transportation into a story increases empathy, prosocial behavior, and perceptual bias toward fearful expressions. **Personality and Individual Differences**, [s.l.], v. 52, n. 2, p.150-155, jan. 2012.

HARIS, Ida. **Code-switching is not trying to fit in to white culture, it's surviving it**. YES! Magazine. Disponível em: <<https://www.yesmagazine.org/opinion/2019/12/17/culture-code-switching>>. Acesso em: 9 May 2021.

HOOVER, Colleen. **As mil partes do meu coração**. Rio de Janeiro: Galera, 2018.

HOOVER, Colleen. **É assim que acaba**. Rio de Janeiro: Galera, 2018.

JOLLIFFE, Darrick; FARRINGTON, David P. Development and validation of the Basic Empathy Scale. **Journal of Adolescence**, [s.l.], v. 29, n. 4, p.589-611, ago. 2006.

KEEN, Suzanne. **Empathy and the novel**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

KRZYNARIC, Roman. **O poder da empatia**: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LEWIS, Clives Staples. **Sobre histórias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

LEWIS, Clives Staples. **Um experimento em crítica literária**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003. 310 p.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?.** São Paulo: Globo, 2009.

MCLAREN, Karen. **The art of empathy: a complete guide to life's most essential skill.** Boulder: Sounds True, 2013.

McCluney, Courtney L et. al. **The Costs of Code-Switching.** Harvard Business Review. 2019. Disponível em: <<https://hbr.org/2019/11/the-costs-of-codeswitching#>>. Acesso em: 9 May 2021.

MEDEIROS, Eduardo Vicentini de. Narrativa Ficcional, Empatia e Altruísmo. **Revista Letras**, Curitiba, v. 93, p.226-236, 20 jul. 2016. Universidade Federal do Paraná

MORGAN-WITTS, Davina. **The Inner Lives of Book Clubs.** PublishersWeekly.com. 2019. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/columns-and-blogs/soapbox/article/79971-the-inner-lives-of-book-clubs.html>. Acesso em: 6 maio 2021.

MCHUGH, Jess. **How women invented book clubs, revolutionizing reading and their own lives.** 2021. The Washington Post. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/history/2021/03/27/womens-book-clubs-history-oprah-reese/>. Acesso em: 05 maio 2021.

NUSSBAUM, Martha. **Poetic justice: the literary imagination and public life.** Boston: Beacon Press, 1995.

OATLEY, Keith. **The passionate muse: exploring emotion in stories.** Nova Iorque: Oxford Press, 2012. 225p.

OLIVEIRA, Débora Nascimento; RONCHI FILHO, Jair; BASSANI, Elizabete. A construção de práticas não medicalizantes para o autismo: a experiência de um clube do livro. In: **Seminário Nacional de Educação Especial**, 5., 2018. Vitória.

PARADELO, Pedro Emílio; SILVESTRE, Ana Carolina de Faria. Direito e literatura: o desenvolvimento da empatia por meio da leitura de obras literárias realistas. In: Jornada de Iniciação Científica da Faculdade de Direito do Sul de Minas. **Anais [...]** 2013. Disponível em: <https://www.fdsu.edu.br/arquivos/iniciacao-cientifica/anais-2013/artigos/14.pdf>. Acesso em 05 maio 2021.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; RIBEIRO, Nathalie Nehmy. Avaliação da empatia em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo. **Psicologia: Teoria e Prática**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 114 – 126. Universidade Federal de Juiz de Fora.

SEGAL, Elizabeth A. **Social empathy: the art of understanding others.** Nova Iorque: Columbia University Press, 2018.

SILVA, Andreza Alves Mothé. **O letramento literário através da leitura de “O Pequeno Príncipe”.** 2015. 85f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SMITH, Adam. **Teoria dos sentimentos morais:** ou ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Leitores, Leitura e Círculos: uma perspectiva metodológica. **Pontodeacesso**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 92-107, 1 jun. 2012.

SPRENG, R. Nathan et al. The Toronto Empathy Questionnaire: Scale Development and Initial Validation of a Factor-Analytic Solution to Multiple Empathy Measures. **Journal Of Personality Assessment**, [s.l.], v. 91, n. 1, p.62-71, jan. 2009.

THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia**. Rio de Janeiro: Galera, 2016.

Waal, Frans. **The age of empathy**. Nova Iorque: Harmony Books, 2009.